

A Psicanálise face a um mundo (quase) sem fronteiras

Psychoanalysis facing a world
(almost) without frontiers

Lazslo Antonio Ávila

Resumo:

O mundo contemporâneo está em transformação aceleradíssima e isso impacta a Psicanálise de diferentes formas. As fronteiras do Conhecimento estão em expansão desordenada e pode-se antecipar a abolição ou recriação de diversas delimitações. Focaremos na distinção entre humano e não-humano, mente e corpo, e na contribuição da psicossomática psicanalítica para uma visão renovada dessas dicotomias.

Palavras-chave:

Psicanálise; fronteiras; corpo; mente; psicossomática.

Abstract:

The contemporary world is undergoing a speedy transformation and this impacts Psychoanalysis in different ways. The frontiers of Knowledge are expanding in a disorderly manner and it is possible to anticipate the abolition or recreation of different delimitations. We will focus on the distinction between human and non-human, mind and body, and the contribution of psychoanalytic psychosomatics to a renewed view of these dichotomies.

Keywords:

Psychoanalysis; frontiers; body; mind; psychosomatics.

Discutiremos inicialmente as transformações na definição dos limites da humanidade, observando o quanto a tecnologia contemporânea afeta a própria concepção do que é ou não apanágio humano para depois discutirmos o valor da perspectiva psicossomática psicanalítica em compreender a intrínseca unidade do corpo com o psiquismo, dado sermos, sempre e em qualquer circunstância, seres com uma mente incorporada e um corpo habitado.

Até onde vai o humano? A tecnologia nos desumaniza? Mas a tecnologia não é, obrigatória e obviamente, um produto cultural e, portanto, inevitavelmente humana?

Partimos dessa contradição para nos interrogarmos sobre essa fronteira movediça que é a atividade simbólica humana, produtora dos bens culturais, e que expande continuamente o *habitat* em que vivem os seres humanos. Desde a pedra lascada, o primeiro machado, assim como o primeiro colar de conchas, o ser humano aprendeu a se apropriar da natureza com o fim de viver (de início, apenas sobreviver) melhor. Se tem armas, pode caçar melhor. Se pode se enfeitar, pode representar beleza, interesse, curiosidade e engenho, cultura, enfim.

Arte e ciência nascem juntas. Ambas são, simultaneamente, apropriação e negação da natureza. Nenhum animal precisa decorar cavernas. Nenhum animal, outro que o homem, descobriu o imenso poder de criar, artificialmente, novas realidades. Desde o Neolítico, o homem vem sistematicamente negando a Natureza para criar a natureza humana. Ao domesticar plantas e animais, o homem toma posse do natural, e ao utilizá-lo o transforma. O mundo natural se torna a sua casa, *habitat* transformado. Filha da ciência e da arte, a tecnologia ampliou desmesuradamente o poder humano.

Desde a primeira alavanca, o homem já pode gozar de sentimentos de onipotência. Dizia o sábio e engenheiro grego Arquimedes: - “Dê-me uma alavanca tão grande que vá até além da Lua, e eu posso erguer a Terra.” Por isso, a Ciência pode se arrogar como a grande transformadora do mundo. Sua filha, a Tecnologia, vem produzindo instrumentos, aparelhos, máquinas e múltiplas ferramentas. Elas expandem o corpo humano e seus sentidos.

De início foi a expansão da Visão, criando as lentes, os óculos, os microscópios e os telescópios. Depois vieram o raio-X, o sonar, a ressonância magnética, a espectrografia cósmica, permitindo a análise de mil mundos invisíveis, desconhecidos: do fundo dos oceanos às galáxias distantes, do interior do núcleo da célula até os elementos subatômicos, do buraco negro à origem do Universo.

Expandindo a audição, pudemos ouvir os sons da radiação do fundo do cosmos, resquício do *big bang*, pudemos ouvir o interior da Terra, os infinitos sons da natureza, pudemos escutar a “conversa” das baleias.

Assim se expandiram os sentidos humanos, todos, o olfato, o tato. Máquinas e instrumentos são as nossas extensões e projeções. Quanto à fala e à comunicação, vivemos a explosão da mídia, com rádio, televisão, computadores, satélites, produzindo a aldeia global que McLuhan anteviu. Um planeta inteiro interconectado.

E o conhecimento humano? Desde a prensa de Gutenberg, há meros 6 séculos, até essa gigantesca Biblioteca de Babel em que vivemos, onde se pode investigar tudo e continuar compreendendo tão pouco. Saber quase tudo, instantaneamente, e continuarmos, como Sócrates, não sabendo sobre nós mesmos, só conhecendo a nossa própria ignorância.

Um aspecto a ser destacado: a reprodução assistida, as técnicas de inseminação artificial e a produção dos clones. A ambição humana de controlar e intervir estendeu-se até os mecanismos mais íntimos da vida: a reprodução e a geração de novas formas de vida. Ainda não conseguimos produzir a própria vida, mas já conseguimos duplicá-la, acelerá-la, forçá-la a aceitar a fecundação. Onde a Natureza decidia pelo Não, hoje podemos forçá-la a dizer Sim.

Há limites, claro. Mas o ser humano está continuamente forçando esses limites a se expandirem e esse é o cerne do problema com as fronteiras.

Qual é a fronteira que separa e distingue o humano do não-humano? É típico do homem afrontar essas delimitações. O homem é um vir-a-ser e isso quer dizer que ele também quer que a realidade, o mundo, venham também a ser um mundo-a-ser. E cada vez mais marcado e tingido com o humano. Somos esses pioneiros, bandeirantes, exploradores, navegantes e intrusos que querem ir sempre além. Além de nós mesmos. Nos afirmamos e nos negamos nesse mesmo ato.

E como tudo isso se reflete na Psicanálise, tanto enquanto teoria articulada e abrangente sobre a mente humana, como enquanto prática social, terapêutica e de autoconhecimento?

Ninguém está imune ao avanço da história, às transformações da civilização, às incessantes transformações advindas dos processos e atitudes humanas no mundo. Tanto enquanto pessoas como profissionalmente somos atingidos, agredidos, pelas mudanças científico-tecnológicas.

Quanto ao corpo conceitual da Psicanálise, podemos constatar que as grandes descobertas da Física contemporânea, desde a teoria da relatividade de Einstein e as chocantes investigações da física quântica, os avanços da Cosmologia, o desvendamento da estrutura mais profunda da matéria, etc., ampliaram e modificaram tremendamente noções secularmente arraigadas, e aprofundaram a perplexidade do homem atual. Mas não foram ainda suficientemente discutidas psicanaliticamente.

Se o tempo, o espaço, a matéria e a luz, o macro e o microcosmos, já não são mais os mesmos e estão profundamente subvertidos em seus fundamentos, como ficam as noções de aparelho psíquico e de Inconsciente? O que a teoria do caos, por exemplo, tem a dizer sobre como produzimos nossas representações, nossa vida de fantasia? O que o “princípio da incerteza” de Heisenberg, confirma ou desconfirma de nossa atitude clínica?

E a Química, a Biologia, a Antropologia, a Matemática, a Linguística, a Economia, etc., contemporâneas, como elas impactam nosso viver, nossa existência, e as nossas concepções teóricas? Estamos atrasados frente ao avassalador avanço do Conhecimento.

E há um campo de expansão da psicanálise que pode tanto contribuir quanto se beneficiar dessas inquietantes expansões da pós-modernidade. Refiro-me à psicossomática psicanalítica. Há séculos se discute a questão da relação mente e corpo, mas estamos há 400 anos sob o impacto da dicotomia cartesiana, que separou *res extensa* da *res cogitans*: as “coisas da matéria” das “coisas do espírito”. A ciência moderna nasceu tanto das consequências da adoção do Método, quanto da radical separação entre as Ciências da Natureza com as Ciências Humanas. Ao mesmo tempo em que nascia a Medicina científica se decretava o nascimento da Psicologia. A Psicanálise, vinda depois, herdou a dicotomia.

Freud bem que se esforçou, das mais variadas formas, para pensar a vida humana tanto do ponto de vista natural, quanto enquanto a mais refinada abstração da mente enquanto aparelho não localizável anatomicamente. Citemos alguns exemplos. Tão cedo quanto 1888, antes dos *Estudos sobre a Histeria* (1893;1973, p. 20), Freud já escrevia:

Mas, de nossa parte, tentaremos demonstrar que pode haver alteração funcional sem lesão orgânica concomitante, ou, pelo menos, sem lesão reconhecível, mesmo por meio da mais sutil análise. Ou dito de outro modo: tentaremos dar um exemplo apropriado de uma alteração funcional primitiva. Não pedimos para fazê-lo mais do que a permissão de passar ao terreno da Psicologia, impossível de evitar quando se trata da histeria.

Desde a primeira formulação da oposição dos instintos sexuais contra os de autoconservação, passando pela elaboração de sua teoria das pulsões (1915) e atingindo um ápice com as construções de *Mais além do Princípio do Prazer* (1920), Freud nunca renunciou a tentar encontrar uma base biológica e evolucionista para a sua construção teórica. Até o fim de sua vida (1938), Freud

ainda declarava que a Psicanálise era uma ciência natural, pois não poderia ser qualquer outra coisa.

Porém, o corpo encontrou muita dificuldade para ser incorporado na teoria e na prática psicanalíticas. Gantheret (1982, p. 25) salientou que a questão do corpo em psicanálise apresentava, até recentemente, uma tríplice característica: “marginal e fronteira, por um lado, fundamental e constitutiva por outro, e por último, enterrada e recoberta.”

Contudo, um enorme campo de investigação sobre o corpo, compreendido psicanaliticamente, desenvolveu-se desde Freud. Devemos citar, em uma brevíssima e incompleta revisão, os trabalhos seminais de Georg Groddeck (1992), de Sandor Ferenczi (1990) e de Otto Fenichel (1981), assim como as importantes contribuições de Franz Alexander (1950), Michael Balint (1975), Angel Garma (1942), Danilo Perestrello (1987), Françoise Dolto (1988), Pierre Marty e seus colaboradores na Escola Psicossomática de Paris, (1994), Mello Filho (1992) e muitos outros autores brasileiros, Chiozza (1978) e outros autores argentinos, Joyce McDougall (1991) e Christophe Dejours (1989). Os grandes autores da psicanálise contemporânea, D. W. Winnicott (1982), J. Lacan (1974) e W. R. Bion (1991), cada um a partir das especificidades de seus enfoques teóricos, também deram importantíssimas indicações sobre o corpo em sua complexa articulação com a mente, tal como refletidos no trabalho analítico.

Hoje a psicossomática psicanalítica floresce em inúmeras produções, muitos são os trabalhos produzidos, inúmeras são as concepções que surgem e vão impactando tanto a prática clínica quanto os fundamentos metapsicológicos. Uma discussão central diz respeito à inevitabilidade da psicanálise encontrar sua própria resposta para a secular dicotomia da mente e corpo.

Data dos gregos, particularmente de Aristóteles, a primeira separação conceitual entre mente e corpo. Ao longo da Idade Média, a perspectiva adotada pelos grandes pensadores-teólogos da Igreja Católica, Santo Agostinho e Tomás de Aquino, aprofundou a distância, e firmou a ideia de um conflito inevitável e irredutível entre a alma e o corpo; e sem dúvida, desde René Descartes, até os dias atuais, em processo contínuo, o corpo, cada vez mais, divorciou-se da mente. Ainda mais porque ganhou foro científico, com o nascimento da medicina científica e a separação entre as ciências naturais e as ciências humanas, fazendo do corpo-organismo, uma entidade à parte e independente, enquanto a mente ganhou espaço e ao mesmo tempo foi confinada nos domínios das chamadas humanidades.

A psicanálise, desde suas primeiras produções, renovou a questão dessa suposta irredutibilidade entre a mente e o corpo ao problematizar o próprio fato dessa distinção. Para a psicanálise, o corpo e a mente encontram-se indissolivelmente unidos.

Vamos caracterizar essa união, inicialmente recorrendo à concepção freudiana da “anatomia imaginária” (Freud, 1893). Discutindo a histeria, e suas produções situadas no corpo, mas tendo sua origem no funcionamento inconsciente da mente, Freud apontava a forma como o corpo e suas funções podem ser apropriados, moldados e conduzidos pelos desejos inconscientes. Quando em 1910, ele analisou os casos de perturbações da visão, o criador da psicanálise assinalou um tema de enorme alcance para a prática clínica, que os médicos, ainda hoje em dia, não compreendem, ou lidam adequadamente: quando um órgão, além de sua função própria, é superinvestido de libido, e recebe características erógenas, isso inevitavelmente irá acarretar em prejuízos para sua função e, eventualmente, até para sua estrutura anatômica. Assim, os olhos foram feitos para enxergar, mas quando ficam a serviço do desejo sexual podem ficar tão sobrecarregados que “deixam de ver”, ou “enxergam o que não deviam”. Passam a ser zonas erógenas.

A psicossomática psicanalítica explorou amplamente esse tema. Serge Leclaire, por exemplo, nomeou um de seus livros de “O Corpo Erógeno”, para sublinhar o fato de que não apenas algumas zonas, mas o corpo inteiro se reveste de libido e recebe uma construção na mente. O que modernamente chamamos de imagem corporal, como muito bem demonstrado e clinicamente ilustrado por Françoise Dolto (1988), é profundamente trabalhado pelas pulsões inconscientes.

Freud jamais empregou o termo psicossomática. Contudo, sua obra toda é uma contínua reflexão sobre o aparelho psíquico como “órgão natural”, profundamente vinculado à nossa história evolutiva enquanto espécie (não podemos esquecer que o grande herói intelectual de Freud era Charles Darwin). Se observamos o desenvolvimento de suas ideias e modelos para o psiquismo, constata-se como a dimensão natural – orgânica, portanto – sempre esteve em interjogo com a dimensão simbólica que ele apresentava como inerente ao aparelho psíquico. Sua compreensão da pulsão sexual estabelece:

Dos instintos sexuais podemos dizer, regra geral, o seguinte: são muito numerosos, procedem de múltiplas e diversas fontes orgânicas, agem inicialmente independentemente uns dos outros e só posteriormente serão reunidos em uma síntese mais ou menos perfeita. A finalidade a que cada um tende é conseguir o *prazer do órgão*, e só depois entram a serviço da *procriação*, com o que se evidenciam então, geralmente como instintos sexuais. (Freud, 1915, p. 2044)

Em síntese, podemos dizer que o “corpo” que a psicanálise investiga tanto quando estuda os sintomas “funcionais”, ou conversivos da histeria, como quando reflete conceitualmente sobre as relações entre o corpo e o psiquismo, é um corpo trabalhado, cujas manifestações não podem ser reduzidas às ações físicas e químicas do ambiente ou do organismo, mas que deve ser entendido como um corpo pulsional. Transtornos aparentemente somáticos só podem ser compreendidos em sua relação com um corpo que é erogenizado, não apenas em determinadas zonas, mas em seu todo. A sexualidade é a produtora dos avatares do corpo, e a psicosssexualidade se revela como a verdadeira história que subjaz ao indivíduo, seja em sua mente, seja em seu corpo.

Para Freud, a pulsão representava uma “entidade mítica”, situada entre o corpo e o psiquismo, e só podia ser conhecida através de seus representantes psíquicos. O corpo é tanto a fonte das pulsões, quanto seu campo de incidência e manifestação. Isso torna o corpo e a mente indissociáveis. Para eliminar qualquer dúvida a esse respeito, basta ler em *O Ego e o Id* (Freud, 1923, p. 2709): “O ego é, antes de tudo, um ser corporal, e não só um ser corporal, mas inclusive a projeção de uma superfície”. Essa superfície é o aparelho psíquico.

Para concluir, podemos indagar o que vai ser do ser humano futuro, quando os produtos de sua mente (sua produção simbólico-cultural, em especial seus últimos desenvolvimentos tecnológicos: *chips*, clones, etc.) tiverem investido e revestido tanto o seu corpo anatômico-fisiológico que será muito difícil discernir o que restará ainda do antigo domínio da Natureza: um (o seu) corpo organismo muito parecido ao dos chimpanzés.

REFERÊNCIAS

- AISENSTEIN, M. Da medicina à psicanálise e à psicossomática. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol. XXVIII, n. 1, 99-110, 1994.
- ALEXANDER, F. *Psychosomatic Medicine: Its principles and applications*, Nova York: W. Norton, 1950.
- BALINT, M. *O médico, seu paciente e a doença*. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Atheneu, 1975.
- BION, W. R. *O aprender com a experiência*. Trad. P. D. Correa. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- DEJOURS, C. *Recherche psychanalytique sur le corp*. Paris: Payot, 1989.
- DOLTO, F. *L'image inconsciente du corps*. Paris, Seuil, 1988.
- FENICHEL, O. *Teoria Psicanalítica das Neuroses*, Trad. S. P. Reis. Rio de Janeiro, Atheneu, 1981.
- FERENCZI, S. *Thalassa - Ensaio sobre a teoria da genitalidade*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

- FREUD, S. Estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas (1888-1893). In: *Obras Completas*. Trad. D. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Tres Tomos, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 13 - 21.
- FREUD, S. *Estudios sobre la Histeria* (1893-1895). In: Op. cit., pp. 39 - 168.
- FREUD, S. *Concepto psicoanalítico de las perturbaciones psicógenas de la visión*. (1910). In: Op. cit., pp.1631-1635.
- FREUD, S. Los instintos y sus destinos. *Metapsicología* (1915). In: Op. cit., pp. 2039 - 2052.
- FREUD, S. *Más allá del principio del placer* (1920). In: Op. cit., pp. 2507 - 2541.
- FREUD, S. *Compendio del Psicoanálisis* (1938). In: Op. cit., pp. 3379 - 3418.
- GARMA, A. *El psicoanálisis. Presente y perspectivas*. Buenos Aires: Aniceto Lopes, 1942.
- GANTHERET, F. Lugar y estatuto del cuerpo en el Psicoanálisis. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, n. 61: 23-32, 1982.
- GRODDECK, G. *Estudios Psicanalíticos sobre Psicossomática*. Trad. de N. M. Soliz. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LACAN, J. *Los cuatro conceptos fundamentales del Psicoanálisis*, Seminário 4. Trad. F. Monge. Madrid: Barral, 1974.
- LECLAIRE, S. *O Corpo Erógeno*. Trad. P. V. Vidal. Rio de Janeiro: Fonfon, 1979.
- MARTY, P. e M'UZAN, M. O pensamento operatório. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol XXVIII, n. 1, 165-174, 1994.
- McDOUGALL, J. *Teatros do Corpo*. Trad. P. H. B. Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MELLO FILHO, J. (Editor) *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- PERESTRELLO, D. *Trabalhos Escolhidos*. São Paulo: Atheneu, 1987.
- WINNICOTT, D.W. La enfermedad psico-somática en sus aspectos positivos y negativos. In: *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 61: 11-22, 1982.